

**JONATHAN
FREEDLAND**

**ARTE
DA
FUGA**

A história do homem que fugiu de Auschwitz
para alertar o mundo

intrinsic

ARTE DA FUGA

*A história do homem que fugiu de
Auschwitz para alertar o mundo*

Jonathan Freedland

Tradução de George Schlesinger



Copyright © 2022 by Jonathan Freedland
Proibida a venda em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL

The Escape Artist: The Man Who Broke Out of Auschwitz to Warn the World

COPIDESQUE

João Sette Camara

REVISÃO

Eduardo Carneiro
Laiane Flores

REVISÃO TÉCNICA

Lenilton Araujo

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design

Mapas desenhados por Nicky Barneby, Barneby Ltd.

O mapa de Auschwitz I e as legendas no mapa de Auschwitz II foram adaptados de mapas de Nikola Zimring, Rudolf Vrba Archives, LLC 2018, usado com permissão.

DESIGN DE CAPA

© gray318, sobre foto do campo de Auschwitz da Alamy

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F93a

Freedland, Jonathan, 1967-

Arte da fuga : a história do homem que fugiu de Auschwitz para alertar o mundo / Jonathan Freedland ; tradução George Schlesinger. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.

376 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The escape artist: the man who broke out of Auschwitz to warn the world

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-65-5560-738-3

1. Vrba, Rudolf. 2. Holocausto judeu (1939-1945). 3. Holocausto - Sobreviventes - Biografia. I. Schlesinger, George. II. Título.

23-83590

CDD: 940.5318092

CDU: 929:94(100)'1939-1945'



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meu pai, Michael Freedland, 1934-2018.
A memória dele é uma bênção.

Nota do autor

QUANDO TINHA 19 ANOS, FUI ao cinema Curzon, em Mayfair, Londres, para assistir ao documentário épico de nove horas *Shoah*. Não foi uma experiência cinematográfica comum, em parte por causa da duração do filme, em parte por causa do público. Na sala havia sobreviventes do Holocausto. Meu amigo cometeu o erro de levar pipoca, algo que não deu muito certo. Mal tinha começado a mastigar, uma mulher de uma fileira próxima se debruçou e lhe deu um tapa forte na coxa. Num sotaque carregado do som e das memórias da Europa pré-guerra, ela disse:

— Você não tem respeito?

O filme foi profundamente marcante, mas um dos entrevistados me impressionou em especial. Seu nome era Rudolf Vrba. O documentário o mostra atestando os maiores horrores da história humana, horrores que ele presenciara e aos quais sobrevivera. E Rudolf mencionava brevemente algo extraordinário, um fato que o tornava único entre os sobreviventes do Holocausto. Aos 19 anos, a mesma idade que eu tinha quando assisti ao filme, ele havia fugido de Auschwitz.

Nunca esqueci seu nome nem seu rosto, e, ao longo das décadas, fiquei perplexo com o fato de tão pouca gente já ter ouvido falar dele. E então, cerca de trinta anos depois daquela noite no cinema em 1986, eu me peguei lembrando Rudolf Vrba. Estávamos vivendo a era da pós-verdade e das *fake news*, quando a própria verdade estava sob ataque, e mais uma vez pensei no homem que estivera disposto a arriscar tudo para que o mundo pudesse saber a terrível verdade escondida sob uma montanha de mentiras.

Comecei a pesquisar sobre a vida de Rudolf Vrba e encontrei um punhado de pessoas ainda vivas que o tinham conhecido, trabalhado com ele ou o amado. Descobri que sua paixão da adolescência e primeira esposa, Gerta, morava sozinha, aos 93 anos, em Muswell Hill, norte de Londres. Passei mais de meia dúzia de tardes de verão em 2020, o ano da praga, sentado no jardim dela conversando sobre um rapaz jovem, na época cha-

mado Walter Rosenberg, e o mundo que ambos tinham conhecido. Ela me entregou uma mala vermelha repleta de cartas de Rudi, das quais algumas falavam de um sofrimento quase insuportável. Dias após a nossa última conversa, quando Gerta já tinha me contado a história toda, recebi um telefonema da família dela me informando que ela havia falecido.

A segunda esposa e viúva de Rudi, Robin, estava em Nova York. Também conversamos por muitas horas, enquanto ela completava a história do homem que Rudolf Vrba veio a se tornar, me contava as lembranças que ele lhe confiara, o amor que compartilharam. O que logo se tornou claro à medida que eu escutava e ia mergulhando nos documentos oficiais, nos depoimentos, nas memórias, nas cartas, nos relatos contemporâneos e nas narrativas históricas em que este livro se baseia foi que essa era mais do que a história real de uma fuga sem precedentes. Era também a história de como a História pode mudar uma vida, até mesmo por gerações; como a diferença entre verdade e mentira pode ser a diferença entre vida e morte; e como as pessoas podem se recusar a acreditar na possibilidade de sua destruição iminente, até mesmo, e talvez especialmente, quando essa destruição é evidente. Essas noções eram intensas e vívidas na Europa dos anos 1940, mas pareciam ecoar de um modo novo e temível na nossa época.

Também vim a perceber que esta é uma história de como os seres humanos podem ser levados aos limites extremos e, ainda assim, suportar isso de alguma maneira; como aqueles que testemunharam tanta morte podem reter a capacidade e a alegria de viver; e como as ações de um indivíduo, mesmo um adolescente, podem desviar o arco da História, se não na direção da justiça, pelo menos na direção de algo como a esperança.

Saí do cinema naquela noite convencido de que o nome Rudolf Vrba merecia estar ao lado de Anne Frank, Oskar Schindler e Primo Levi, no primeiro escalão das histórias que definem a Shoá — o Holocausto. Talvez o dia desse reconhecimento nunca chegue. Quem sabe, porém, por meio deste livro, Rudolf Vrba possa realizar um último ato de fuga: escapar do nosso esquecimento e ser lembrado.

Prólogo

7 de abril de 1944

APÓS DIAS DE ATRASO, SEMANAS de preparação obsessiva, meses observando as tentativas fracassadas de outros prisioneiros e dois anos vendo as profundezas nas quais seres humanos podiam afundar, finalmente tinha chegado o momento. Era hora de fugir.

Os outros dois prisioneiros já estavam ali, no local combinado. Sem falar nada, assentiram com a cabeça: *É agora*. Walter e Fred não hesitaram. Treparam nas tábuas de madeira, acharam a abertura e, um após o outro, deixaram-se cair no buraco. Um segundo depois, seus camaradas botaram as tábuas no lugar sobre a cabeça de ambos. Um deles sussurrou: “*Bon voyage*”,¹ e então tudo ficou escuro e silencioso.

Sem demora, Walter se pôs a trabalhar. Tirou o *machorka*, o tabaco soviético barato do qual haviam lhe falado, de um lote que tinha sido preparado conforme as instruções: imerso em gasolina e secado. Lentamente, começou a enfiá-lo entre as frestas das tábuas de madeira, às vezes soprando suavemente para que ficasse no lugar, na vã esperança de que o prisioneiro soviético que lhe ensinara o truque tivesse razão: o cheiro haveria de repelir os cachorros. Não que estivessem dependendo apenas do trabalho de Walter. Já haviam se assegurado de que o tabaco tratado fosse generosamente espalhado² no solo em volta do esconderijo, de modo que os cachorros da SS nem chegassem perto. Se a confiança do homem do Exército Vermelho estivesse bem fundamentada, Walter e Fred deveriam ser capazes de engatinhar dentro do buraco sob a pilha de madeira, em silêncio e sem ser perturbados, exatamente pelo tempo de que precisavam: três dias e três noites.

Walter olhou para os ponteiros fosforescentes do relógio.³ O tempo se arrastava. Ele queria se levantar, se esticar, mas não podia fazer isso. Seus braços e suas pernas estavam ficando com câimbras, mas ele sabia que precisaria suportar, e suportar em silêncio. Em certo momento, Walter sentiu Fred, que era seis anos mais velho do que ele, pegar sua mão e apertá-la.⁴ Walter tinha 19 anos.

O que foi aquilo? Som de passos... se aproximando. Seria esse o fim de Walter e Fred, tão rápido assim, tão logo eles haviam começado? Num reflexo, cada um pegou uma navalha. Uma coisa estava clara para ambos: podiam ser pegos, mas não se deixariam interrogar.⁵ Dariam um fim a tudo naquele buraco dentro da terra; transformariam o esconderijo numa cova.

Não que os homens da SS fossem os deixar ali. Arrastariam os cadáveres de volta para o campo. Ergueriam ambos na ponta de espadas ou os pendurariam nos cadafalsos, com um cartaz de advertência pendurado no pescoço de cada um, o mesmo procedimento que se seguia a toda tentativa de fuga fracassada. Transformariam os corpos em troféus.

Os nervos de Walter pareciam se retesar a cada segundo que passava. O fosso onde estavam era pequeno demais. Mas então o som de passos, se é que eram passos mesmo, foi se esvaindo.

Às seis da tarde daquela sexta-feira, finalmente ouviu-se o som alto e estridente da sirene. Era um alarme que fazia o ar vibrar e o sangue congelar nas veias, mil alcateias de lobos uivando em unísono. A dupla já a ouvira muitas vezes, um som tão lancinante que até mesmo os homens da SS tapavam os ouvidos. O barulho era pavoroso, mas todo interno no campo o recebia bem: significava que pelo menos um entre eles estava faltando na lista de chamada noturna — ou seja, que talvez um prisioneiro tivesse escapado de Auschwitz.

Esse era o sinal. Fred e Walter saíram do espaço principal, que havia sido construído para abrigar quatro pessoas, e se contorceram para dentro de uma parte lateral, uma espécie de passagem, capaz de acomodar apenas duas, cujo objetivo era ser uma camada extra de proteção: um esconderijo dentro do esconderijo. Os dois se apertaram lá dentro e ficaram imóveis como cadáveres, lado a lado.⁶ Para Walter, foi quase um alívio. Finalmente a espera tinha terminado:⁷ estavam em plena batalha. Cada um havia amarrado um pedaço de pano⁸ em volta da própria boca, para que não traíssem a si mesmos nem ao outro com uma tossida. O único movimento vinha dos ponteiros luminosos do relógio.

Eles não veriam, mas sabiam o que a sirene provocaria. E logo conseguiriam ouvir: a caçada humana a caminho. O barulho de quase 2 mil pares de coturnos pisoteando o chão, os oficiais mais graduados alternando entre xingar e ladrar ordens — *berrando-as*, porque, dado o que acontecera alguns dias antes, outra fuga era uma humilhação —, duzentos cães babando⁹ ao perceberem qualquer sinal de uma frágil e trêmula vida humana, cães trei-

nados e aprimorados para esse propósito. Os homens da SS vasculhariam cada saliência e reentrância;¹⁰ varreriam cada arbusto, examinariam cada fosso e lançariam uma luz em cada trincheira da metrópole da morte em expansão que era Auschwitz. A busca começara e não daria trégua por três dias.

Fred e Walter sabiam disso com precisão porque os nazistas tinham um protocolo de segurança do qual nunca se desviavam. Essa parte externa do campo, onde prisioneiros labutavam como escravizados, era guardada apenas durante as horas diurnas, quando os internos estavam trabalhando. Não havia necessidade de vigiá-la à noite, quando até o último prisioneiro era arrebanhado para dentro do campo interno, cercado por uma fileira dupla de arame farpado. Havia apenas uma exceção a essa regra: se um interno estivesse faltando, presumindo-se que tivesse tentado fugir, a SS mantinha o anel externo de postos de sentinela armado, com cada torre de vigilância ocupada por um homem junto a uma metralhadora.

E isso se estenderia por 72 horas, enquanto a SS fazia a busca. Passado esse tempo, concluiriam que o fugitivo — ou os fugitivos — tinha escapado: daí por diante, seria responsabilidade da Gestapo vasculhar a região mais ampla e encontrá-lo. Os que guardavam o perímetro externo receberiam ordem de recuar, deixando-o desguarnecido, o que significava que haveria uma lacuna nas defesas nazistas. Não uma lacuna literal, mas uma brecha. Se um prisioneiro conseguisse de algum modo se esconder na área externa durante três dias e três noites após o alarme ter soado, mesmo com a SS e seus cães treinados esforçando-se para farejá-lo, ele emergiria na quarta noite num campo externo sem guarda. E poderia escapar.

Walter ouviu uma voz familiar. Aquele bêbado assassino, o *Unterscharführer* Buntrock, um sargento, estava nas proximidades, dando ordens a alguns subalternos desafortunados.

— Olhem atrás daquelas tábuas — dizia ele. — Usem a cabeça!

Fred e Walter espremeram-se ainda mais. Os homens da SS se aproximavam. Agora os dois podiam ouvir coturnos subindo nas tábuas acima da cabeça deles, o que fazia cair uma pequena nuvem de poeira na cavidade abaixo. Os perseguidores estavam próximos, Walter ouvia a respiração pesada deles.

Em seguida vieram os cães, arranhando a madeira, fungando e farejando, passando de tábua em tábua, o arfar audível¹¹ através das paredes e do teto de madeira. Teria o prisioneiro soviético se equivocado em relação a esse

tipo especial de tabaco? Ou teria Walter entendido errado suas instruções? Por que os animais não tinham sido repelidos pelo cheiro?

Dessa vez, Walter pegou uma faca em vez da navalha; queria uma arma para usar contra os outros, e não em si mesmo. Sentiu os batimentos do coração acelerarem.

Milagrosamente, porém, o momento passou. Os homens da SS e seus cães se distanciaram. Dentro daquele minúsculo caixão duplo que era o esconderijo deles, Fred e Walter se permitiram o conforto de um sorriso.

O alívio nunca durava muito. Durante todo o fim de tarde e aquela primeira noite, o som de passos e cachorros latindo se aproximava e depois se distanciava, aumentava e diminuía, mais alto e depois mais baixo, em seguida mais alto de novo, na medida em que as buscas voltavam a se concentrar no mesmo canto do campo. Walter gostava de imaginar que podia sentir a frustração nas vozes dos homens da SS, que vasculhavam o mesmo pedaço de chão, de novo e de novo. Ouvia-os xingando enquanto davam uma segunda, depois uma terceira olhada na pilha de tábuas e telhas, varrendo uma área que já tinham varrido duas vezes antes.

Walter e Fred estavam desesperados para flexionar ou estender os músculos, mas praticamente não ousavam fazer isso. Walter ansiava por esquentar as mãos e os pés gelados, porém até o mais sutil movimento fazia com que todo o corpo se contraísse com uma câimbra abrasadora. Se um dos dois cochilasse, o outro permaneceria alerta pela tensão, procurando escutar qualquer sinal de movimento na proximidade. Nem mesmo o sono trazia descanso, apenas pesadelos de um presente interminável, emperrado naquela caixa subterrânea: o subsolo, infernal; em cima era pior ainda.

Eles ouviram o turno da manhã começar, os sons familiares do trabalho forçado. Essa área era um canteiro de obras, e logo ecoaram as batidas das tábuas, o clangor de metal, o latido dos cães e os berros dos capangas da SS.¹² Fred e Walter avaliaram que o risco de sua pilha de madeira ser perturbada por trabalhadores escravizados era mínimo — aquelas tábuas não estavam reservadas para serem usadas tão cedo —, mas não conseguiam relaxar. Talvez dez horas tivessem se passado antes de o barulho cessar e o *Kommando* marchar de volta para os alojamentos.

Durante todo o tempo, os dois se mantiveram quietos, sabendo que lá atrás, no campo interno, a SS estaria vasculhando cada barraca, depósito, lavatório, latrina e anexo, virando de pernas para o ar o alojamento inteiro. Naturalmente, havia um sistema: o método era procurar numa série de

círculos sempre decrescentes, com os cães farejadores no meio da matilha, fechando o cerco em torno da presa. E, uma vez que chegassem ao centro do círculo menor, começavam tudo de novo.

Os nazistas chegaram tão perto, tantas vezes, que Walter considerou um milagre ele e Fred não terem sido descobertos horas antes. Fred encarava de outro modo. “Estúpidos cretinos!”,¹³ dizia ele quando era seguro quebrar o silêncio. Talvez fosse bravata. Passadas 24 horas lá embaixo, nem Fred nem Walter eram capazes de comer ou beber. Haviam escondido algumas provisões naquela estreita passagem: vários quilos de pão,¹⁴ cuidadosamente racionado em pedaços, bem como um pouco de margarina¹⁵ e uma garrafa cheia de café frio.¹⁶ No entanto, com aquele nível de nervosismo, nenhum dos dois tinha estômago para tocar na comida.

As horas se arrastaram ao longo do sábado, até que chegou o domingo, e a dupla decidiu arriscar. Pela primeira vez desde que as sirenes tinham soado, saíram da cavidade lateral e passaram para o espaço relativamente maior do bunker. Mesmo que Walter tivesse tentado preencher as frestas na parede e no teto com o tabaco tratado, não conseguira tapar todas: um pouco da gelada névoa matinal penetrava.¹⁷

Após tanto tempo deitados sem se mover, estavam absolutamente retesados. Fred não conseguia mexer o braço direito, além de ter perdido toda a sensibilidade nos dedos.¹⁸ Walter massageou o ombro do companheiro para fazer o sangue voltar a circular. Não permaneceram no espaço maior por muito tempo.

A SS continuava a busca. Fred e Walter ficaram paralisados quando ouviram dois alemães a alguns metros de distância. Era começo de tarde, e puderam captar cada palavra.

— Eles não podem ter escapado¹⁹ — disse um dos alemães. — Ainda devem estar dentro do campo.

Os dois homens começaram a especular sobre os prováveis esconderijos de Fred e Walter. Um deles, que claramente apontava para alguma coisa, perguntou:

— E aquela pilha de madeira?

A dupla de fugitivos não se moveu.

— Você acha que eles poderiam estar escondidos lá embaixo? — disse a segunda voz. — Talvez tenham construído uma pequena alcova.

O primeiro achou improvável. Afinal, refletiu ele em voz alta e com precisão, “os cães passaram por ali uma dúzia de vezes”. A não ser que os

judeus desaparecidos tivessem achado algum jeito esperto de despistar o faro dos cachorros.

Então, Walter e Fred ouviram algumas palavras resolutas, uma declaração de que “vale a pena tentar” e o som de dois homens se apressando para chegar mais perto.

Mais uma vez, Walter agarrou a faca. Fred fez a mesma coisa.

Os dois alemães subiram no alto da pilha de tábuas e começaram a desmanchá-la, uma por uma. Tiraram a primeira camada, depois a segunda e em seguida, com algum esforço, a terceira e a quarta.

Se tivesse acontecido dez segundos depois, teria sido tarde demais. Não pela primeira vez — na verdade deve ter sido a oitava ou a nona —, a vida de Walter foi salva por um momento casual de boa sorte. E, nesse caso, não poderia ter sido sincronizado com mais perfeição.

Ao longe, ouviu-se uma súbita comoção, vozes distantes mas exaltadas. Fred e Walter perceberam que os homens acima haviam feito uma pausa, os ouvidos aparentemente atentos para captar o que estava acontecendo. Um segundo se passou. Mais outro. Enfim, um dos dois disse:

— Eles foram capturados! Vamos lá... Rápido.²⁰

E, um pouco abaixo, Fred e Walter ouviram seus possíveis descobridores se atropelando para ir embora.

A noite de domingo transcorreu e a segunda-feira chegou. Agora era uma contagem regressiva, com Walter fitando os ponteiros do relógio, sabendo que se conseguissem aguentar só mais um pouco...

O turno da manhã começou e trouxe consigo a mesma barulheira, o mesmo ladrar, tanto de cães quanto de homens, por mais dez horas, cada minuto passando no mesmo ritmo angustiante.

Por fim, o *Kommando* voltou ao alojamento. Os três dias estavam quase no fim.

Às 18h30, Walter e Fred finalmente ouviram o som pelo qual ansiavam, anunciado aos berros: “*Postenkette abziehen! Postenkette abziehen!*” Era a ordem para desmanchar a *grosse Postenkette*, o anel externo de postos de sentinela, gritada de uma guarita para a seguinte e, então, para a seguinte, até que percorresse todo o perímetro, ficando cada vez mais alta à medida que se aproximava, sumindo quando se distanciava, antes de completar finalmente todo o círculo. Para Fred e Walter, essas palavras, bramidas pelos homens que os tinham escravizado e assassinado centenas de milhares do seu povo, soavam como a música mais bela. Era uma admissão de derrota

por parte da SS, o reconhecimento de que tinham fracassado em recapturar os dois prisioneiros evadidos.

Conforme exigia o protocolo da SS, o anel externo de torres de vigiância foi esvaziado e o perímetro se encolheu, para vigiar apenas o campo interno. Walter pôde ouvir os guardas retornarem ao círculo menor de guaritas. Essa era a grande falha no sistema de Auschwitz, a lacuna que ele e Fred haviam usado, muito tempo antes, para planejar a fuga.

Eles ficaram intensamente tentados a correr, mas se contiveram. Primeiro, tinham que sair da cavidade lateral. Para Walter, avançar apenas alguns centímetros foi o suficiente para provocar uma dor aguda²¹ que lhe percorreu os braços, as pernas, o tronco e o pescoço. Os músculos estavam rijos e frios, os primeiros movimentos, incertos e descontrolados, como se o corpo precisasse reaprender as funções motoras básicas. Levou tempo para ambos, mas finalmente estavam no fosso central. Agacharam-se e se esticaram, giraram os pulsos e os pés; abraçaram-se no escuro.²²

Então respiraram fundo e pressionaram as palmas das mãos contra o teto, tentando dar um impulso na tábua de baixo. Mas ela não se moveu. Tentaram em outro ponto do teto. Ainda assim, nada de a madeira ceder. Seria essa a falha fatal no plano deles? Teriam acidentalmente se trancado dentro da própria tumba? Era a única coisa que não tinham ensaiado, nem mesmo cogitado. Presumiram que, se era possível empilhar tábuas, também era possível desempilhá-las. No entanto, erguer tábuas é fácil quando se está em cima, quando se pode remover uma de cada vez. O mesmo não acontece embaixo, quando o peso da pilha inteira pressiona para baixo.

Empurrando juntos, gemendo de dor, conseguiram erguer uma das tábuas inferiores não mais do que alguns centímetros. Foi o bastante, porém, para lhes dar um ponto de apoio. Assim, foram capazes de segurá-la com força o suficiente para empurrá-la de lado. Fred virou-se para Walter e sorriu.

— Ainda bem que aqueles alemães quase nos acharam — sussurrou ele. — Se não tivessem movido as tábuas, teríamos ficado presos.²³

Levou mais tempo do que qualquer um dos dois imaginara, mas finalmente havia uma abertura nas tábuas que lhes tinham servido de teto desde sexta-feira. Um lampejo do céu enluzado.

Eles reuniram novamente as forças e deslocaram e empurraram as tábuas até conseguirem, com excruciante esforço, se rebocar para cima e sair. Enfim tinham conseguido. Estavam fora daquele buraco no chão.

Contudo, ainda não estavam fora do campo. Havia muito chão a percorrer se quisessem ser dois dos primeiros judeus a escapar definitivamente de Auschwitz. Mesmo assim, para o adolescente Walter Rosenberg foi um sentimento de exultação — mas não totalmente novo. Porque essa não era a sua primeira fuga. E não seria a última.

PARTE I

Os preparativos

I

Estrela

DESDE O COMEÇO, ELE SABIA que era especial. Ainda não era Rudolf Vrba; isso viria mais tarde. Seu nome era Walter Rosenberg, e bastava que olhasse nos olhos da mãe para sentir que era único. Ilona Rosenberg tinha esperado muito tempo pelo filho, e estava desesperada pela chegada dele. Ela já era madrasta — o marido, Elias, tinha três filhos de um casamento anterior —, mas isso não era o mesmo que segurar o próprio bebê. Durante dez anos, ansiara por um filho, mas os médicos lhe disseram para não ter mais esperanças. Então, quando Walter chegou, em 11 de setembro de 1924, ela o recebeu como um milagre.

Ilona o adorava, assim como os meios-irmãos da criança, dois meninos e uma menina, todos mais de uma década mais velhos — a relação com Sammy e Fanci, em particular, era mais de tio e tia do que de irmão e irmã. Objeto do tipo de atenção que em geral é reservada para um filho único, o pequeno Walter era precocemente esperto. Aos 4 ou 5 anos, costumava ser deixado por Fanci na escola de apenas uma sala onde uma amiga dela trabalhava — ansiosa para se encontrar com o namorado, a irmã queria que outra pessoa, que não ela, tomasse conta do menino. Ele devia ficar brincando ou desenhando com lápis de cera em um canto, mas, quando Fanci voltava, encontrava a professora apontando para Walter Rosenberg como um exemplo a ser seguido pelas outras crianças,¹ algumas com o dobro da idade dele.

“Vejam como Walter está fazendo bem a tarefa dele”, dizia a professora. E não era muito mais velho quando a família o encontrou sentado, quieto, virando as folhas de um jornal.

Walter nasceu em Topol’čany, no oeste da Eslováquia, mas perto do centro do novo território da Tchecoslováquia, país que havia sido criado apenas seis anos antes. Não demorou muito para a família vender tudo e se mudar para o extremo leste do país, perto da fronteira com a Ucrânia — para Jaklovce, um pontinho no mapa tão insignificante que os trens passavam por ali sem

parar. E não tinham como parar: não havia estação, nem mesmo uma plataforma. Então, o pai de Walter, proprietário de uma serraria local, obstinou-se a construir uma plataforma e uma modesta área de espera — uma estrutura que, para deleite de Walter, tinha a dupla função de *sucá** durante a semana de outono em que os judeus devem demonstrar sua fé no Todo-Poderoso fazendo as refeições em cabanas temporárias, ao ar livre.

O jovem Walter gostava da vida no campo. A família criava galinhas, e sentia um orgulho especial de uma galinha poedeira. Quando os pais notaram que estavam faltando ovos, mandaram Fanci ficar atenta: talvez houvesse uma raposa atacando o galinheiro. Certa manhã, a garota descobriu o culpado, e era um predador improvável: seu irmãozinho estava invadindo o cercado, roubando os ovos e comendo-os crus.

Os Rosenberg não ficaram no vilarejo muito tempo. Elias morreu quando Walter tinha 4 anos; Ilona, então, voltou para o oeste, que era de onde vinha a família dela. Ela precisava ganhar o sustento. Partiu para a estrada, a fim de trabalhar como vendedora ambulante, fornecendo lingerie e roupas de baixo que ela mesma fazia, ou modificando-as. Mas não era a situação ideal para criar uma criança. Certa vez, deixou Walter com uma amiga, que Ilona chamaria de “mulher manteúda”. Zangada com um cliente que a tinha abandonado, a tal mulher subornou Walter para que ele fingisse ser filho bastardo do sujeito, e desfilava com a criança pela cidade, queixando-se em voz alta e chamando o terrível homem que a abandonara junto com seu filhinho querido. Walter foi recompensado pela atuação com uma ida à padaria, para escolher o doce que quisesse.

Depois disso, Ilona resolveu que o filho deveria viver com os avós, em Nitra. E o esquema deu certo. Walter logo estabeleceu um forte laço com o avô, que o criou nos costumes do judaísmo estritamente ortodoxo. Às vezes, fazia alguma tarefa que o levava até a casa do respeitadíssimo rabino da cidade,² e às sextas-feiras Walter acompanhava o avô quando ele e todos os outros homens iam até o rio, para o *mikvá* — quando submergiam o corpo na água, um ritual em que os judeus se purificam, preparando-se para o Shabat.

Walter gostava de tradição e adorava os avós; era feliz. O único porém era uma variante da rivalidade entre irmãos que existia com o primo de Viena, Max, dois anos mais velho que ele. Walter sabia que o avô se or-

* *Sucá* é, literalmente, “cabana”. O nome da festa judaica é *Sucot* [cabanas]. [N. do T.]

gulhava do seu desempenho na escola, mas desconfiava de que o velho gostasse mais de Max.

Depois que a avó sofreu uma queda, o avô concluiu que não podia mais criar o menino sozinho, de modo que Walter foi despachado para um orfanato judaico em Bratislava. Ali, mais uma vez, impressionou os professores com a aplicação nos estudos — quando lhe pediam que citasse seus passatempos, ele dizia que eram idiomas e leitura, apesar de arranjar tempo para jogar futebol —, e o diretor sugeriu a Ilona que matriculasse o filho em um dos liceus de elite da cidade. Isso significaria estabelecer residência permanente em Bratislava e contratar uma moça para cuidar de Walter enquanto ela estivesse na estrada, mas, se o filho tinha oportunidade de acesso ao que havia de melhor, Ilona estava determinada a lhe oferecer isso.

Quando chegou a hora de posar para uma fotografia de turma, no outono de 1935, já era possível ver no perfil dele o homem que se tornaria. Com apenas 11 anos, podia até parecer um pouco nervoso, mas tinha presença. Cabelo escuro penteado para o lado, sobrancelhas grossas e escuras que o acompanhariam pelo resto da vida, Walter sentou-se empertigado e encarou a lente com intensidade. Os outros garotos fizeram o que lhes mandaram e posaram de braços cruzados. Walter, não.

Ele ainda vestia o tradicional colete com os *tzitzit* [franjas] nas pontas usado pelos homens judeus devotos, mas a mãe lhe fizera uma faixa na cintura para manter as franjas escondidas. O *peiot*, os cachos laterais no cabelo, que Walter usava em Nitra tinha sido cortado. Pela primeira vez, ele estava livre para tomar suas decisões religiosas, sem influência do avô ou do orfanato. Uma tarde, passeando pelas ruas de Bratislava com algum dinheiro no bolso para almoçar, decidiu testar Deus: entrou num restaurante e pediu carne de porco. Deu a primeira mordida e esperou o raio divino atingi-lo.³ Como o raio não veio, ele tomou uma decisão — e fez a ruptura.

Os alunos do liceu podiam escolher qual instrução religiosa recebiam: católica, luterana, judaica ou nenhuma. Walter escolheu nenhuma.⁴ Em seus documentos de identidade, no espaço reservado para nacionalidade, ele poderia ter colocado a palavra “judeu”, mas em vez disso escolheu “tchecoslovaco”. Na escola, estava então aprendendo não só alemão, como também alto-alemão. (Ele fizera um trato com um aluno emigrado: um daria ao outro aulas avançadas de sua língua natal.) No retrato de turma de 1936, o olhar de Walter está confiante, até mesmo pretensioso. Ele está olhando para a frente, para o futuro.

No entanto, na foto do ano acadêmico de 1938-1939, não há sinal de Walter Rosenberg, então com 14 anos. Tudo mudara, inclusive o formato do país. Depois do Acordo de Munique, de 1938, Adolf Hitler e seus aliados húngaros haviam pegado partes da Tchecoslováquia e dividido-as entre si, e, na primavera de 1939, o que restou foi fatiado. A Eslováquia se anunciou como república independente. Na realidade, foi uma criação do Terceiro Reich, concebida com a bênção e a proteção de Berlim, que viu no governo do ultranacionalista Hlinka, ou Partido Popular Eslovaco, um espelho de si mesmo. Um dia depois, os nazistas anexaram e invadiram os territórios tchecos remanescentes e marcharam sobre eles para declará-los um Protetorado da Boêmia e Morávia, ao passo que a Hungria se apossava do último pedaço de terra. Uma vez terminada a partição, as pessoas que viviam no que costumava ser a Tchecoslováquia estavam todas, em maior ou menor grau, à mercê de Adolf Hitler.

Na Eslováquia, o adolescente Walter Rosenberg sentiu imediatamente a diferença. Foi-lhe dito que não importavam a escolha que ele fizera para as aulas de estudos religiosos e com que palavra preencheria o campo “nacionalidade” naqueles formulários; ele atendia à definição legal de *judeu* e tinha mais de 13 anos, portanto a vaga no liceu de Bratislava não estava mais disponível. A educação dele estava terminada.

Por todo o país, judeus como Walter estavam começando a entender que, apesar de o novo chefe de governo ser um padre católico — padre Jozef Tiso —, a religião oficial da república infante era o nazismo, embora com uma denominação eslovaca. O contínuo credo antisemita afirmava que os judeus não eram somente indignos de confiança, desonestos e irreversivelmente estrangeiros,⁵ eles eram também dotados de poderes quase sobrenaturais, que lhes permitiam exercer uma influência social e econômica totalmente desproporcional em relação a quantos eram. Então, em decorrência disso, as autoridades em Bratislava não tardaram a se mexer para culpar a minúscula comunidade judaica do país — 89 mil, numa população de 2,5 milhões de pessoas — pelo destino que recaía sobre a nação, inclusive pela perda do estimado território para a Hungria. Cartazes de propaganda apareceram colados em muros de tijolos, e um deles mostrava um orgulhoso jovem eslovaco vestido com o uniforme negro da Guarda Hlinka chutando o traseiro de um judeu narigudo de cachos laterais — e a bolsa de moedas do judeu caindo no chão. No primeiro pronunciamento pelo rádio como líder da república recém-

-independente, Tiso assumiu apenas um firme compromisso político: “solucionar a questão judaica”.

Depois que Walter foi expulso da escola, Ilona abandonou o trabalho de vendedora ambulante e ambos se mudaram para Trnava, uma pequena cidade cerca de cinquenta quilômetros a leste de Bratislava. Foi um choque depois de ter morado na capital: em Trnava, toda a vida, e múltiplas ruas estreitas, convergiam para uma praça central chamada Santa Trindade, que era controlada não por uma, mas por duas igrejas. No verão, a cidade era uma nuvem de calor e poeira, com a praça do mercado fedendo a esterco, palha e suor humano, toda a região tomada pelo cheiro que emanava da fábrica de açúcar nas redondezas ao se processar beterraba. Podia-se achar refúgio na área rural, com seus campos planos de milho maduro e brisas frescas,⁶ a apenas algumas pedaladas de bicicleta.

Entretanto, se os Rosenberg, mãe e filho, esperavam encontrar refúgio, tinham ido parar no lugar errado. A determinação do governo em lidar com a chamada “questão judaica” também chegou à pequena Trnava, afetando a comunidade de menos de 3 mil judeus, cujas duas sinagogas ficavam a apenas alguns metros de distância uma da outra. Não que a boa gente de Trnava precisasse de muitos estímulos: haviam incendiado ambas as sinagogas⁷ poucas semanas depois de a Eslováquia conquistar autonomia, em dezembro de 1938.

Walter logo entrou para um grupo de adolescentes judeus que, como ele, haviam sido banidos de uma instituição de ensino. No primeiro dia de aula, as escolas tinham pendurado cartazes nos portões com o aviso de que judeus e tchecos estavam expulsos, os ex-colegas cantavam: “Fora, judeus; fora, tchecos.”⁸ Depois disso, Walter e os outros jovens de Trnava, que cursavam da oitava série para cima, foram deixados por conta própria, vagando pela cidade sem aulas para assistir e sem lugar para ficar. Pelas novas regras, estavam impedidos até mesmo de estudar de maneira independente. Por esse motivo, Walter e seu amigo Erwin Eisler foram um dia ao prédio do conselho local para entregar os respectivos livros de estudo, obedecendo a uma ordem decretada como proteção contra a ameaça de crianças judias estudarem em casa. Walter obedecera devidamente e entregara os dele, mas Erwin o surpreendeu. Em geral, Erwin era tímido, corava a meros comentários sobre meninas e fugia de convites para acompanhar a turma quando iam para um café na vizinhança. Nesse dia, porém, ele mostrou uma coragem inesperada.

— Não se preocupe — cochichou ele. — Ainda tenho aquele livro de química.

Ele tinha guardado um dos dois volumes de química inorgânica e orgânica de autoria do cientista tcheco Emil Votoček.⁹ A partir daquele dia, Walter e Erwin estudariam com base nesse único texto e adquiririam, em segredo, o conhecimento que o país estava determinado a lhes negar.

O autoaprendizado continuava sempre que os dois rapazes estavam juntos. Algumas vezes se reuniam num prado conhecido após a encarnação anterior como “o laguinho”, sentavam-se e tentavam dar sentido a um mundo que parecia ter virado de pernas para o ar. Walter logo se estabeleceu como presença dominante, sua inteligência fazendo com que se destacasse. Uma garota de 13 anos, Gerta Sidonová, foi ficando cada vez mais encantada com ele, atenta a cada palavra dita. Os pais dela o contrataram como explicador,¹⁰ embora ela devesse achar difícil se concentrar no que ele dizia. Gerta tinha esperança de que Walter a considerasse sua namorada, embora os sinais pudessem estar confusos. Certa vez, concordaram em sair juntos, mas ele lhe deu um bolo. Depois disso, Gerta o confrontou. Ele disse que tinha ido ao encontro dela, mas, quando foi chegando perto, viu que a garota usava um gorro com pompons,¹¹ o que o levara a dar meia-volta e ir embora. Gerta parecia uma criança de 9 anos com aquele gorro, afirmou Walter. Ele tinha 15, não podia ser visto com uma criança.

Os adolescentes judeus em Trnava tinham poucas opções além de si mesmos. Junto com as respectivas famílias, eles eram constantemente excluídos da vida da cidade que chamavam de lar. E a mesma coisa ocorria no país inteiro. O regime de Tiso estava determinado a empobrecer e isolar os judeus, primeiro banindo-os de serviços do governo, depois impondo uma quota ao número permitido para trabalhar em cada profissão. Posteriormente, os judeus foram impedidos de ter carros, rádios e até mesmo equipamento esportivo. Cada nova determinação era colocada num quadro de avisos no Centro da cidade:¹² os judeus o conferiam diariamente, para ver que nova humilhação os aguardava.

Walter e a mãe não possuíam nada a ser declarado, mas os judeus que tinham posses as viram confiscadas, uma por uma: primeiro lhes tomaram as terras, depois os expropriaram dos negócios. Era a arianização, diziam as autoridades. Para tentar manter seu açougue funcionando,¹³ o pai de Gerta o entregou a um balconista que foi suficientemente esperto para filiar-se ao Partido Hlinka. Isso era chamado de “arianização voluntária”, pela qual

os negócios que pertenciam a judeus cederiam uma participação de pelo menos 51% da firma a um “candidato cristão qualificado”. O nome do programa era forçado, porque os nazistas não encaravam os eslovacos como arianos, mas como uma categoria de eslavos. Como tais, eram decididamente *Untermenschen*, um povo inferior. Ainda assim, eram considerados superiores aos judeus, e era isso o que importava.

As surras tornaram-se lugar-comum, principalmente para judeus, mas às vezes também para não judeus que mostravam zelo insuficiente em atormentar os vizinhos judeus. As organizações paramilitares nacional-socialistas pressionavam as pessoas em Trnava e em todas as outras cidades e nos povoados eslovacos a boicotar os negócios judaicos e os judeus em geral.

Não havia lugar para se esconder, nem mesmo quando se estava em casa a portas fechadas. A partir de 1940, quando a população londrina sofria os ataques aéreos noturnos que logo chamariam de *Blitz*, os gendarmes eslovacos elevaram a política de expropriação de propriedades judaicas a um nível mais direto, literal. Entravam nas casas judaicas e as assaltavam, enquanto as crianças tinham que ficar paradas, observando. Podiam roubar uma raquete de tênis ou um casaco, uma máquina fotográfica ou uma preciosa herança de família, e até mesmo, pelo menos em um caso, um piano. Às vezes se aventuravam fora da cidade, encontravam uma fazenda de propriedade de judeus e tomavam os animais. Era o início de uma temporada de caça.¹⁴ Se um judeu tivesse algo, um eslovaco podia pegar.

Entretanto, a nova república mal tinha começado esse processo. Quando Walter completou 17 anos, em setembro de 1941, o governo de Tiso introduziu uma versão própria das Leis de Nuremberg, o Códice Judaico. Os judeus passaram, então, a ser barrados de eventos públicos, clubes e organizações sociais de qualquer tipo. Tinham permissão de se aventurar fora de casa ou fazer compras apenas dentro de horários prescritos. Só podiam viajar por distâncias limitadas. Se quisessem comprar alguma propriedade, estavam sujeitos a um acréscimo de 20% no preço: uma sobretaxa judaica. Havia limites para o que podiam fazer como ganha-pão: deviam estar restritos a poucas ruas, um passo inicial rumo à criação do gueto. A manchete num folheto noticioso pró-governo se vangloriava, na disputa não declarada entre os Estados fascistas: “As leis mais estritas contra os judeus são da Eslováquia.”¹⁵

Mas a mudança que teve o efeito mais imediato e visível sobre Walter foi também a mais brutal. Daquele momento em diante, qualquer judeu

na Eslováquia a partir de 6 anos de idade precisava se identificar por meio do uso de uma estrela de Davi amarela, de quinze centímetros de largura,¹⁶ costurada na parte externa da roupa. Se Walter e outras crianças judias quisessem ir ao cinema ou à pista de patinação de Trnava, bastava uma olhada na estrela amarela, e eles seriam impedidos de entrar. Enquanto os amigos que um dia conheceram ficavam na rua até tarde, os judeus estavam sujeitos a um toque de recolher. Tinham que estar dentro de casa às nove da noite.

Walter não se rebelou contra nenhuma dessas regras. Não chegou sequer a ficar chocado com elas. Talvez fosse porque o cerco tenha se fechado aos poucos, lentamente, de modo que cada novo aperto não parecia tão extraordinário se considerado o que viera antes. Qualquer que fosse a explicação, Walter usou a estrela amarela, da mesma forma que aceitou que, encerrada sua educação escolar, precisava achar um trabalho. Arrumou o emprego que pôde como trabalhador braçal, mas os empregadores só contratavam judeus se não houvesse mais ninguém disponível. Qualquer judeu com sorte o suficiente para pegar um turno diário seria pago segundo a tabela mais baixa — havia duas escalas de salários: uma para os judeus, mais baixa, e uma, mais alta, para as demais pessoas.

Essa era a vida do adolescente Walter Rosenberg. Comer *Wiener schnitzel* [bife de vitela vienense] com batatas fritas na cozinha apertada na casa que dividia com a mãe; tentar aprender sozinho novos idiomas — além de alemão, tcheco e eslovaco, que ele já falava, assim como um húngaro rudimentar —, geralmente a partir de um livro de páginas marcadas com as pontas dobradas; encontrar-se com os amigos no laguinho, para debater os méritos concorrentes dos vários “ismos” da época, discutindo se seria o socialismo ou o comunismo, o liberalismo ou o sionismo que viria em seu resgate. Por um lado, a possibilidade e a mensagem de orgulho judaico do sionismo eram um bálsamo para jovens judeus feridos diariamente por humilhação e exclusão.¹⁷ Por outro, com certeza o sionismo era outro tipo de nacionalismo, destinado a fracassar num mundo que podia ser curado pela fraternidade universal. E não eram os socialistas que lideravam a luta contra o nazismo?¹⁸ Eles jogavam tudo isso no ar, nas longas horas que passavam agrupados, evitados pelos vizinhos, marcados pela estrela amarela no peito.

No entanto, apesar de tudo, ainda eram adolescentes. Havia tempo para dar risada e flertar, para os meninos correrem atrás das meninas, as meninas correrem atrás dos meninos, e partirem o coração uns dos outros. Walter não era alto — não tinha muito mais do que 1,65 metro —, mas se movia

como se fosse. As sobrancelhas escuras, os cabelos espessos e um sorriso largo, malicioso, garantiam que ele nunca carecesse de atenção.

Então, em fevereiro de 1942, a carta chegou. Parecia uma intimação judicial ou uma notificação de recrutamento militar, e instruía Walter a se apresentar tal dia e tal hora em tal lugar, levando uma bagagem de no máximo 25 quilos e que não contivesse ouro algum.¹⁹ A mensagem era bastante clara. O país de Walter não se contentava mais em encurralar judeus como ele e os colegas em espaços cada vez menores, sem trabalho nem oportunidades. O objetivo era bani-los totalmente. Os judeus deveriam ser despedidos de sua cidadania, despachados pela fronteira para a Polônia, a fim de viverem em locais que Walter e outros imaginavam ser “reservas”, como aquelas terras cercadas das quais tinham ouvido falar nos Estados Unidos, separadas para “indígenas”.

A ordem veio embalada numa linguagem gentil, até mesmo refinada. Os judeus não seriam *deportados*, muito menos expulsos. Não, seriam *reassentados*. E não todos os judeus. Apenas os homens, apenas os fisicamente aptos, apenas os com idade entre 16 e 30 anos. Se concordassem em ir voluntariamente, em silêncio e sem alarde, nada aconteceria com as famílias, que teriam permissão de permanecer onde estavam e depois se juntar a eles.²⁰ Quanto à proibição do ouro, bem, esta certamente era óbvia: o ouro só poderia ter sido adquirido por meio de desonestidade e patifaria judaicas, não mediante trabalho árduo, portanto qualquer ouro de posse dos judeus era por direito propriedade da nação eslovaca, à qual, não importando o local de nascimento ou a antiga cidadania, os judeus não pertenciam mais.

Tudo isso era parte do plano, preparado com a aprovação do oficial da SS *Hauptsturmführer* Dieter Wisliceny, uma espécie de capitão, que fora despachado de Berlim para Bratislava quase dois anos antes. A estratégia era bastante simples: secar os fundos em dinheiro dos judeus por meio do confisco da propriedade deles, apossando-se de seus bens e negando-lhes a possibilidade de ganhar a vida — e, então, denunciá-los como fardo econômico para a trabalhadora e sofrida nação eslovaca. Havia sido fácil classificar os judeus como parasitas quando eles tinham riqueza; agora, que não tinham nada, seria mais fácil ainda. O governo Hlinka, junto com os patronos alemães — irmãos no nacional-socialismo —, havia calculado o seguinte: uma vez que os judeus fossem destituídos de suas posses, o público eslovaco teria o máximo prazer em vê-los jogados para o outro lado da fronteira. E é claro que fazia sentido começar esse movimento com ho-

mens jovens como Walter. Se o governo Hlinka tinha a intenção de livrar o país de toda uma minoria, melhor seria remover primeiro os aptos e fortes, aqueles que formariam o núcleo de qualquer resistência futura.²¹

Walter olhou a carta que havia sido enfiada por baixo da porta, que lhe dizia quando e onde deveria se apresentar. A única coisa que sabia, quando o inverno de 1942 deu lugar aos primeiros indícios da primavera, era que ele se recusaria a ser removido de seu país. Aquilo o atingia como uma instrução estúpida.²² Não, ele não se permitiria ser despachado num trem com destino desconhecido. É claro que não faria algo assim. Tinha nascido na Eslováquia; o eslovaco era sua língua natal. Ele era eslovaco. Não seria agarrado e descartado feito lixo, deixando a mãe indefesa.²³ Enquanto ela preparava a perene refeição vespertina de *Wiener schnitzel* e *Apfelstrudel* [torta de maçã] para Walter, ele lhe comunicou a decisão que tomara:

— Vou para a Inglaterra — disse. — Vou me juntar ao exército tchecoslovaco no exílio.

A mãe olhou para o filho como se ele estivesse louco. Discutiram o assunto durante uma hora, ele num quarto, ela na cozinha contígua. De tempo em tempo, entre o bater de panelas e frigideiras, ela soltava uma nova zombaria ridicularizando a tal ideia.

— Por que não embarcar para a Lua e cortar para si uma fatia de queijo verde? Mas esteja de volta a tempo para o jantar!²⁴

Para Ilona, isso era típico do filho, mais um de seus esquemas descabidos, como aquele negócio maluco de aprender inglês e russo por conta própria.

— *Russo!* Por que você não pode se contentar como todo mundo e aprender um ofício decente?

Nessa época havia um homem na vida de Ilona, um serralheiro.²⁵ Sem dúvida, dizia ela, essa era uma ocupação perfeitamente respeitável — mas não, Walter tinha que fazer as coisas do próprio jeito.

— Não sei a quem você puxou. Com toda a certeza, não se parece com ninguém do meu lado da família.²⁶

Além disso, ela queria saber como, exatamente, ele se propunha a chegar à Inglaterra.

— Pela Hungria — respondeu ele. Era verdade que o governo húngaro em Budapeste era aliado dos nazistas, mas pelo menos a Hungria não estava deportando judeus. — De lá, vou para a Iugoslávia.

Isso deflagrou outra rodada de discussão, com Walter incapaz de especificar como cruzaria de um lado a outro a Europa ocupada, fosse por terra,

fosse por mar, e como finalmente alcançaria a Inglaterra. Contudo, se não conseguisse ir além da Iugoslávia, tinha um plano de contingência. Ele se alistaria com os guerrilheiros liderados por Josip Tito e se tornaria um combatente da resistência.

Mais batidas de panelas. A discussão continuava, uma rodada após outra, com Ilona convencida de que aquilo era loucura, uma missão tão lunática quanto viajar para as estrelas — e igualmente malfadada. Walter, porém, não recuou. Por fim, encarou a mãe e disse, com voz calma e firme:

— Mamãe, não vou ser deportado num vagão como se fosse um bezerro.

As batidas de panelas e os berros cessaram. Ilona Rosenberg entendeu que a decisão do filho estava tomada.

Depois disso, ela se tornou cúmplice na conspiração: reuniu as roupas de que ele precisaria e juntou o pouco de dinheiro que tinha. Além disso, apareceu com uma solução para o problema imediato mais importante dele: como sair de Trnava e chegar a Sered', a cidade que cinco anos antes se localizava no interior profundo da Eslováquia, mas que no então momento praticamente abraçava a fronteira húngara.

— Você vai ter que pegar um táxi²⁷ — disse ela.

Foi a vez de Walter mostrar à mãe quão absurda era a ideia. Quem já ouviu falar de alguém pegando um táxi rumo à liberdade?

Entretanto, ele se deu conta de que não havia outro jeito. Conheciam um taxista que poderia fazer o trajeto, apesar do risco que ele próprio correria: transportar um judeu por aquela distância era estritamente proibido. Ainda assim, havia pessoas em Trnava que não tinham esquecido aqueles que um dia encararam como vizinhos, alguns que ainda se recordavam das dívidas de amizade.

E foi assim que, numa noite do começo de março de 1942, o jovem Walter Rosenberg se encolheu num dos gastos assentos de couro de um dos poucos carros de Trnava, uma cidade onde uma carroça puxada por cavalo ainda era a norma, com destino à fronteira húngara. Ele não olhou para trás. Não estava pensando no passado nem imaginando o futuro, mas cumprindo a tarefa que precisava ser completada naquele momento, no presente.

Olhou para baixo e arrancou a estrela amarela do casaco.

Abril de 1944. Após viver e testemunhar imensuráveis sofrimentos, observar tentativas fracassadas de fuga de companheiros e se preparar bastante, o adolescente Rudolf Vrba — que na época ainda se chamava Walter Rosenberg — tornou-se um dos primeiros judeus a escapar de Auschwitz e abrir caminho para a liberdade. Ele seria um dos únicos a conseguir realizar tal façanha. Além de salvar a própria vida, o objetivo que o movia era revelar ao mundo a verdade sobre o campo de extermínio. Vrba pretendia alertar os últimos judeus da Europa sobre o destino que os esperava quando embarcassem no trem rumo ao “reassentamento”, convicto de que o conhecimento da verdade os salvaria.

Contra todas as probabilidades, ele e Fred Wetzler, seu colega de fuga, foram capazes de analisar minuciosamente a situação, se esconder, escalar montanhas, cruzar rios e escapar por pouco dos tiros dos alemães, até que conseguiram em segredo transmitir o primeiro relato completo de Auschwitz de que o mundo teve notícias. Um relatório forense detalhado que um dia chegaria ao conhecimento de Franklin Roosevelt, Winston Churchill e do papa. No entanto, pouquíssimas pessoas deram ouvidos ao aviso de Vrba. Alguns não podiam acreditar em tamanha crueldade. Outros acharam mais fácil permanecer inertes. Ainda assim, Rudolf Vrba ajudou a salvar a vida de 200 mil judeus — embora sempre tenha achado que esse número poderia ter sido muito maior.

Esta é a história de um homem brilhante e inquieto, que, mesmo tão jovem, entendeu que a diferença entre a verdade e a mentira pode ser a diferença entre a vida e a morte. Neste livro fundamental, tão importante quanto forte, o premiado jornalista e escritor Jonathan Freedland expõe por que Rudolf Vrba merece ocupar um lugar de destaque ao lado de nomes como Anne Frank, Oskar Schindler e Primo Levi, como um dos poucos indivíduos cuja história define nossa compreensão do Holocausto.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1280/>